

O LEILÃO DA DÉCADA

Alberto de Serpa

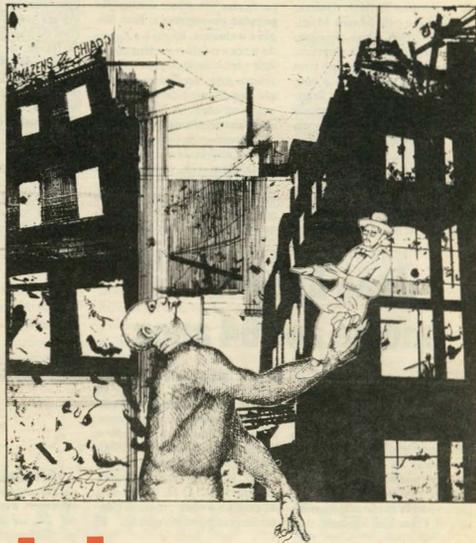
Os papéis de uma vida



Foto de Marco

págs. 6/7

Um texto de José Cardoso Pires



Lisboa: a ferida de fogo

pág. 32

João Aguiar: 'Novo livro é o teste'



Entrevista de Carlos Câmara Leme e pré-publicação

págs. 8/10

Livro escolar

Um problema com muitas incógnitas

JL/«O Jornal de Educação». Dossier de 8 páginas
Coordenação de Ana Pauia Dias e Maria João Guardão



Foi aqui, neste bairro assaltado pelo fogo que nasceu Fernando Pessoa. Naquele prédio alto em frente do Teatro de Ópera de São Carlos, precisamente. Há uma escada de pedra à direita e uma calçada a descer para a cidade da beira-rio mas, não nos esqueçamos, esta é uma das colinas de Lisboa, a mais nobre e a mais ordenada porque foi reconstruída há dois séculos depois do terramoto que arrasou a capital.

Por aqui andaram alguns dos personagens mais célebres de Eça de Queiroz, o romancista que Byoi Casares inclui na sua lista de preferidos, ao lado de Stendhal e Thomas Mann. O próprio Eça frequentou estas ruas, misturado com a população dos seus romances, e numa delas estabeleceu o seu círculo mundano. No Grémio Literário, um palacete que ainda hoje continua a receber os seus fiéis no clima de solenidade repousada dum clube de fim de século.

Chiado, chama-se a esta zona alta da cidade. Ruas e pequenas praças que à noite repousam numa paz provinciana (numa delas, a dois passos do Teatro da Trindade reuniam-se os intelectuais das Conferências do Casino que em 1870 programavam o Portugal Novo anunciado pelo industrialismo), mas de dia, veja-se, todo este pequeno mundo resplandece como um sarcástico oitocentista de joalherias, floristas, montras de livros e boutiques.

«Subir o Chiado», diziam os burgueses lisboetas com a ênfase de quem cumpre um privilégio. No topo estava (e está, felizmente) a estátua dum poeta obscuro que deu o nome aquele território de eleição. Quase ninguém o olha e poucos o leram alguma vez, penso eu. Chiado, António Ribeiro Chiado. Chamei-lhe O Velho da Estátua quando escrevi *Balada da Praia dos cães* e apontei em duas linhas a sua biografia de «frade marginal, boémio e satírico, que imitava vozes e versos correntes». O importante, porém, é que poeta menor e talvez corrupto, lhe cabe a glória de presidir, em memória de bronze eterno, ao centro de maiores tradições da vida literária portuguesa.

Lá está, e espero que continue a estar por muitos anos e bons, no seu pedestal de mármore entre igrejas e livrarias, entre o sagrado e o profano, e como sempre dirige um sorriso escarinhado para o outro lado da praça, na direcção do café A Brasileira, mirolir dos artistas.

A Brasileira, pois. Na topografia cultural portuguesa este café foi até há pouco tempo o nó de todas as correntes, a única capela de tertúlia que resistiu à depreciação dos especuladores do urbanismo. Foi lá que fez doutrina quotidiana o pintor Almada Negreiros, revolucionário do traço estrito e clown compraziado do Futurismo. Foi lá também que ocupou mesa própria Aquilino Ribeiro, grão-mestre do romance realista. E muitos, muitos mais. Para dezenas de gerações A Brasileira foi o ex-libris do Chiado.

Na fotobiografia de Fernando Pessoa há um instante em que o Poeta



Lisboa: a ferida de fogo

José Cardoso Pires

aparece a descer este bairro. Reconhecemos perfeitamente o inconfundível desenho geométrico do empedrado do passeio e as montras da mercearia de luxo que a objectiva focou em fundo. Rua Garrett, aquela é a Rua Garrett, a artéria central (o meridiano, digamos assim) do Chiado e representa, pelo nome, uma homenagem ao grande senhor do Romantismo. Ao cimo tem a Livraria Bertrand, a mais antiga de Lisboa, e mais ou menos a meto havia no tempo de Pessoa uma taberna minúscula, encravada naquele comércio sofisticado. É nesse recanto que o vemos (noutra célebre fotografia) a beber o proletário «copo-de-três» dos lisboetas em trânsito.

Com estas duas fotos reconstitui-se

sem grande erro o itinerário de Pessoa através do Chiado. Acabava de sair da Brasileira ou, mais provavelmente ainda, da Livraria Bertrand, que era onde se reuniam os seus amigos da revista *Presença*. Com o seu inseparável chapéu e o seu inseparável lacinho, dirigia-se à Baixa onde trabalhava como correspondente comercial. Ou, um pouco mais adiante, ao Café Martinho, frente ao Tejo, onde tinha a sua mesa de escritor. Do Chiado até qualquer um desses lugares tudo se resumiria a um passeio de um quarto de hora, quando muito. Mas se fosse hoje, ao chegar ao fundo da rua Garrett, o Poeta ficaria trespassado de assombro: a saída do Chiado estava em cinzas, desfigurado numa confusão de es-

combros e ferros torcidos porque lá essa a zona que o incêndio devastara.

Hoje, quando me debruço sobre o rosto corrompido da cidade, vejo-a como uma ferida aberta na nossa memória colectiva. Ao mesmo tempo é a memória de mim mesmo que ficou na pobreza: ah sim, sinto isso com a idade. Também eu subi o Chiado em várias idades da minha escrita e em amigos de várias gerações. Agora, mais rápida que seja a cicatriz destas ruas, destas fachadas, sei que ficará sempre um fumo, uma sombra dolorosa a enevoar o passado. Lugares e horas que descrevi ficaram duvidosos a ficções, irremediavelmente despojados de qualquer compromisso e de referências vivíveis, palpáveis. Isso dói e assusta: é uma ruptura, um laço que nos prende ao real.

Agora já não tornarei a visitar Pastelaria Ferrari de que falava nos romances e os jornais do outro lado da dos reflexos solenes e dos doces ventuais. E a tricenária Casa Lusa, por quanto tempo serei ainda capaz de reproduzir de memória? Grandes Armazéns Grandella, com suas empregadas de balcão, passaram desencantadas, por detrás da memória dum gloriosa fachada de anos vinte?

António Tabucchi definiu Lisboa como uma cidade-símbolo (como Praga de Kafka, a Dublin de Joyce, a Buenos Aires de Borges) mas creio que, mais do que as cidades, sempre um bairro ou até mesmo um lugar, que determinam a fidelidade tantas vezes inconsciente que lhes dedicamos. O Chiado neste caso, a geografia cultural, a sua luz e a tanta coisa.

Mas acontece que o Chiado se resume a uma efeméride viva, um livro de ouro ou a um labirinto por passar am todas as primaveras de Belas-Letras e das Belas-Artes em vimento polémico e em confraternização de tertúlia. Para mim foi um caso de curiosidade e contenda. Mas foi também, e acima de tudo, um lugar do mundo onde vivi o momento mais comovido da minha vida de cidadão. Ali, no Largo do Carmo, a poucos metros da rua Garrett. Era a verdadeira e o povo de Lisboa vitoriana volução dos Cravos diante dos soldados da ditadura encurralados num telar.

Voltei lá, há dias. O incêndio não tinha atingido, centenas e centenas de pombos cobriam o empedrado do largo e ouvia-se correr água dum chiado público. Chiado, penso agora. Aí, depois do tumulto. No meio da provação, que feliz, afinal, não foi assim, que, apesar de sismos e de mais, teve a fortuna de ser o palco de uma viragem libertadora dum povo. Por outro lado, que privilégio também o seu ao ter participado durante dois séculos da Literatura e da arte que esse país contém. E depois pergunto. Quando as feridas feitas como será este rosto de mim mesmo